

fôrça violenta e violentadora da criação artística. E *Plastik der Primitiven* é um excelente documentário, o que poderíamos chamar de um verdadeiro desafio ao cientista.

Lourival Gomes Machado

ÉMILE G. LÉONARD: *L'illuminisme dans un protestantisme de constitution récente (Brésil)*. 115 págs. Presses Universitaires de France. Paris, 1953.

O Prof. Émile G. Léonard, que esteve durante alguns anos lecionando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, publicou uma série de interessantes trabalhos sobre o protestantismo brasileiro, dentre êles êste, no qual procura colocar o fenômeno religioso na época e no meio social em que surge e se expande, procurando as influências recíprocas entre meio social e religião.

Traça por um lado a vida e o desenvolvimento das seitas iluministas protestantes brasileiras; por outro, procura analisar o que chama de "essencial" nas seitas, isto é, o dogma básico, e os "elementos distintivos", o traço original e peculiar a cada uma (pág. 27) e finalmente busca compreender a função desempenhada por algumas dessas seitas no meio brasileiro. São principalmente a Igreja Evangélica Brasileira, as Assembléias de Deus e as Congregações Cristãs do Brasil.

O iluminismo protestante teve entre nós surto tardio. O movimento protestante no Brasil data de 1858 (ano em que se deu o batismo do primeiro brasileiro convertido, pág. 14); a Igreja Evangélica Brasileira, primeira seita iluminista, formou-se em 1874 (pág. 25). O A. atribui êste aparecimento tardio ao fato de se ter desenvolvido ao mesmo tempo que o protestantismo, o espiritismo — o qual, introduzido no Brasil em 1857 (pág. 19), logo atraiu os indivíduos preocupados com fenômenos extraordinários, desviando-os do protestantismo, que por sua vez lhes oferecia possibilidades, embora menores, de satisfazer o seu interesse. O iluminismo dessa Igreja é muito pouco espetacular, de ordem mais íntima; ligado ao positivismo por um clima de intelectualidade e de desejo de progresso, exige certa cultura geral de seus adeptos, alcançando apenas a reduzido número de fiéis das camadas altas da população (pág. 32 e 36).

Sòmente em 1910 e 1911 um iluminismo verdadeiramente popular se disseminou no Brasil através das seitas de tipo pentecostal classificadas pelo A. como a forma proletária do protestantismo (pág. 72): são as Assembléias de Deus, no norte do país, e as Congregações Cristãs do Brasil, no sul. Esta forma de religião, não exigindo preparo intelectual dos fiéis, considerando-os iguais, e lhes oferecendo as mesmas oportunidades de obterem os dons do Espírito Santo, além de fomentar ativamente a cooperação e o auxílio mútuo, era a mais própria para expandir-se num meio de imigrantes recém-chegados, de pouca instrução, que se sentiam isolados e estranhos numa sociedade em que encontravam barreiras para o acesso a vantagens e privilégios; ao mesmo tempo que auxílio e apôio, fornecia-lhes um canal de ascensão social. Explica-se, assim, o fato de a clientela das Congregações Cristãs do Brasil ser recrutada entre os imigrantes e seus descendentes, sendo relativamente pequeno o número de negros e mulatos (págs. 73-74).

Enfim, vê-se que Léonard não estuda a religião como compartimento estanque da vida do homem, mas ligado a tôdas as vicissitudes da sua existência em grupo e com a sua evolução vinculada aos acontecimentos sociais. Historiador todavia, e historiador das religiões, o A., embora apontando todos êsses fatôres, não se detém em sua análise, que releva da so-

ciologia; aponta apenas os problemas sociológicos ligados ao desenvolvimento do protestantismo no Brasil. Mas são sugestões preciosas; o sociólogo desejoso de estudar os mecanismos da adaptação, assimilação e aculturação de imigrantes em nosso meio tem de levar em conta e analisar o papel destas seitas iluministas protestantes.

Maria Isaura Pereira de Queiroz

INTERNATIONAL JOURNAL OF AMERICAN LINGUISTICS, vol. 19 (1953).
Published by Indiana University, editor C. F. Voegelin.

Esta revista, o mais importante repositório de estudos sobre as línguas indígenas americanas, é publicada pela Universidade de Indiana, sob os auspícios da Sociedade Lingüística da América e da Associação Antropológica Americana e com a cooperação do Comitê de Línguas Nativas Americanas. Fundada em 1917, por Franz Boas — o magnífico homem de ciência que tão admiravelmente impulsionou os estudos de antropologia e lingüística nos Estados Unidos —, publicou-se a princípio em Nova Iorque e agora é editada em Baltimore; de início apareceu com grande irregularidade, mas há dez anos vem sendo editada regularmente, apresentando quatro números por ano. Como é natural a grande maioria dos estudos publicados refere-se a línguas norte-americanas; da América do Sul bem pouco se publicava nesta excelente revista, mas ultimamente têm aparecido vários artigos sobre idiomas desta parte do continente, devidos sobretudo a missionários norte-americanos e a membros do Summer Institute of Linguistics que estão trabalhando no Peru, graças a um acôrdo com o govêrno daquele país. O presente volume encerra seis artigos que interessam à lingüística sul-americana: Diamond Jenness, *Did the Yahgan Indians of Tierra del Fuego speak an Eskimo tongue?* (pp. 128-131); Nancy P. Hickerson, *Ethnolinguistic notes from lexicons of Lokono (Arawak)* (pp. 181-190); Peter W. Fast, *Amvesha (Arawak) Phonemes* (pp. 191-194); Douglas Taylor, *A note on the identification of some Island Carib suffixes* (pp. 195-200); Neill Hawkins e Robert E. Hawkins, *Verb inflections in Waiwai (Carib)* (pp. 201-211); Sylvester Dirks, *Campa (Arawak) Phonemes* (pp. 302-304). De Douglas Taylor há ainda uma *Nota sobre algumas semelhanças lexicais Arawak-Karib* (pp. 316-317).

O artigo do canadense Jenness é uma interessante sugestão sobre possível parentesco entre a língua esquimó e a dos Yahgan ou Yámana da Terra do Fogo, isto é, entre dois idiomas que se situam nos extremos opostos do continente americano. As semelhanças notadas são sobretudo de natureza gramatical, mas também as há de ordem lexical. Julgo interessante transcrever as seguintes considerações de Jenness: "Devo confessar que as correspondências no vocabulário não são de modo algum tão esdrúxulas ou tão numerosas quanto eu esperara, tendo em consideração as marcadas semelhanças na gramática. Entretanto, se o Yahgan tem na verdade um parentesco genético com o Esquimó, como eu suspeito, ou se êle recebeu empréstimos dessa língua, os índios que o falam devem certamente ter perdido todo contacto com seus parentes lingüísticos pelo menos por tanto tempo quanto os Aleutos, isto é, pelo menos por 3000 anos ou talvez mais. E quando consideramos a lonjura da Terra do Fogo e as múltiplas influências de toda natureza a que seus habitantes devem ter-se submetido antes de ter atingido aquela região isolada, não podemos esperar que sua língua conserve muita semelhança externa com outra que é falada em região igualmente remota no outro lado do globo. Eu acho que há bastante semelhança, mesmo no vocabulário, para sustentar a teoria de um parentesco entre o Yahgan e o Esquimó; e espero ver êsse